



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
RONDÔNIA**



**MARCI GREFFE DE OLIVEIRA**

**TRAJETÓRIA ESCOLAR ACADÊMICA: DOS ANOS INICIAIS À  
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA EM JI-PARANÁ, RONDÔNIA**

**JI-PARANÁ/RO  
2017.**

MARCI GREFFE DE OLIVEIRA

**TRAJETÓRIA ESCOLAR ACADÊMICA: DOS ANOS INICIAIS À GRADUAÇÃO  
EM PEDAGOGIA EM JI-PARANÁ, RONDÔNIA**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Porto Velho, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Fonseca de Castro.

Ji-Paraná/RO

2017.

**TRAJETÓRIA ESCOLAR ACADÊMICA: DOS ANOS INICIAIS À  
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA EM JI-PARANÁ, RONDÔNIA**

MARCI GREFFE DE OLIVEIRA

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Machado de Lima  
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Banca avaliadora:

---

Presidente: Prof. Dr. Rafael Fonseca de Castro  
(Orientador)

---

Membro: Prof. Dr. Josemir de Almeida Barros

---

Membro: Prof. Me. Rafael Ademir Oliveira de Andrade

---

Membro: Prof. Dr. Robson Fonseca Simões  
(Suplente)

Ji-Paraná/RO  
2017.

## **DEDICATÓRIA**

É com muita satisfação que dedico este trabalho a todos que acreditam na Educação como instrumento de mudança e transformação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter concedido a dádiva da ciência e me colocado ao dispor de buscá-la com a diligência necessária e chegar até aqui.

Agradeço ao meu esposo, companheiro e amigo para todas as horas, e aos familiares que com palavras de ânimo me ajudaram a percorrer esse caminho, que, em alguns momentos, não foram fáceis.

Agradeço aos professores e tutores pela paciência, estímulo e perseverança durante todo o curso e aos amigos que conquistamos o respeito e a confiança. Que Deus os abençoe nesta vida e na futura.

## EPÍGRAFE

*Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino (FREIRE, 2002, p. 85).*

# SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO</b> .....	5
APRESENTAÇÃO.....	8
1. LEMBRANÇAS ESCOLARES .....	9
1.1 PRÉ - ESCOLA.....	9
1.2 SÉRIES INICIAIS.....	10
1.3 ENSINO MÉDIO .....	13
2. INGRESSO NO CURSO DE PEDAGOGIA.....	16
3. FORMAÇÃO PROFISSIONAL .....	24
4. CONCLUSÃO.....	26
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	27

## **APRESENTAÇÃO**

Este memorial, apresentado de forma discursiva, traz parte da minha vivência escolar, dando início na educação infantil até a formação acadêmica, relatando as dificuldades encontradas durante toda a etapa de escolarização. Como diz Freire (1996, p. 44), “escrever, registrar, refletir não é fácil... dá muito medo, provoca dores e até pesadelos. A escrita compromete. Obriga o distanciamento do produtor com o seu produto. Rompe a anestesia do cotidiano alienante”.

Nessa perspectiva, descrevi os fatos inerentes a minha formação de maneira crítica e reflexiva, analisando, principalmente, os aspectos pedagógicos estudados durante a graduação, pois me permitiram avaliar a evolução do processo de ensino/aprendizagem e a importância do professor como mediador desse processo.

Diante do exposto, posso afirmar que minha autobiografia irá contribuir para minha formação e ponderar meu papel enquanto futura educadora, o que eu posso fazer para melhorar a educação com base na minha experiência educativa. Frente a tantas lembranças, deparei-me com fatos que me levaram a refletir sobre o processo educativo, corroborando a importância da realização desse memorial.



## 1. LEMBRANÇAS ESCOLARES

Desde pequena, sempre morei com meus pais, numa casa simples, no entanto, o principal nunca me faltou: sempre recebi muito amor e carinho. Meus pais tiveram uma vida muito sofrida e não puderam frequentar a escola, mas sempre me incentivaram a estudar. Naquela época, as coisas eram difíceis. A maioria das pessoas tinha que trabalhar ainda muito jovem para ajudar a suprir as necessidades de suas famílias, deixando sempre em último plano os estudos.

Meu pai sempre dizia que queria que eu estudasse para *‘ser alguém na vida’*. Ao mesmo tempo em que me sentia encorajada por meu pai, sentia uma tristeza enorme por ouvir aquelas palavras tão dolorosas e perceber os olhos de meu pai cheios de lágrimas, uma tristeza enorme, de alguém que teve seus sonhos interrompidos. Meus pais sempre tinham em mente que os estudos proporcionariam a mim um futuro melhor, por isso, sempre recebi deles todo apoio para prosseguir.

### 1.1 Pré-Escola

Entrei no pré-escolar aos seis anos de idade, não tinha noção de como era o alfabeto, as vogais, os números apenas faziam desenhos que só faziam sentido para mim. Vygotsky (1998) mostra o desenho como uma representação da língua escrita em primeiro estágio. Os rabiscos e os primeiros desenhos das crianças são entendidos como gestos ou tentativas de simbolizar a linguagem falada. Para o autor, os desenhos podem ser interpretados como um estágio preliminar no desenvolvimento da linguagem escrita.

Em primeiro contato na sala de aula, tudo era novo. Recordo-me claramente que, no primeiro dia de aula, fiquei muito ansiosa para saber como seria a escola, os coleguinhas de classe e a professora, mas também me senti retraída questionando *‘será que a professora é brava?’ ‘Será que vou aprender?’ ‘E se eu não aprender, a professora vai brigar comigo?’*. Minha professora se chamava Marluci. Logo de início, notei que não precisava ter medo, pois a professora estava ali para me ajudar, me auxiliar em todos os momentos que eu precisasse.

Lembro que me sentava junto com minha prima, pois as mesas e cadeiras eram emendadas com espaço para sentar em dupla. Os dias foram se passando e fui perdendo aquele medo, amizades foram surgindo, fui me adaptando ao meio escolar e, a cada dia, aprendia algo diferente. Embora eu sentisse muita dificuldade de aprender as letrinhas

do alfabeto, alguns alunos da minha sala já tinham sido alfabetizados em casa pelos pais, assim, não sentiam tanta dificuldade como eu.

Nesse tempo, na escola, não tinha merenda. Então, eu, minha prima e amigos levávamos lanche e no recreio sentávamos juntos e dividíamos a merenda. Sempre compartilhávamos uns com os outros, sempre íamos todos juntos para a escola.

Lembro-me, também, que na frente da minha casa moravam meus amigos Jasmine e Diego. Nos fundos, morava minha prima Lucimar. Éramos quase todos da mesma idade, estudávamos todos juntos. No começo, minha tia nos levava, depois passamos a ir sozinhos: todo dia, cedo, um passava na casa do outro, era muito divertido o percurso escolar. No início, íamos andando e, com o tempo, começamos a ir de bicicleta.

Quando chegávamos da escola, passávamos a tarde toda brincando. Sempre fui uma criança muito elétrica, vivia correndo, quando juntava com meus amigos, gostávamos de pular tábua, elástico, corda, brincar de esconde-esconde, amarelinha, jogar pedrinhas, rouba bandeira, de casinha, bonecas e de fazer comidinha.

Porém, dentre todas as brincadeiras que fazíamos, eu gostava mesmo era de brincar de escolinha. No fundo da casa da minha prima, tinha um pé de manga e bananeira, onde colocávamos bancos e mesas na qual eu adorava brincar de faz-de-conta, onde eu era a professora – falando sempre que, quando crescesse, queria ser professora. Hoje, vejo que esse sonho está perto de se tornar realidade.

Tive uma infância muito boa, aproveitei bastante. Ao olhar para as crianças de hoje em dia, percebo que muitas delas não sabem o que é ter uma infância de verdade, muitas estão ligadas no mundo digital, onde lamentavelmente o celular tem substituído as brincadeiras infantis. Minha infância deixou saudades.

## **1.2- Séries Iniciais**

Quando entrei no 1º ano dos anos iniciais, conhecido anteriormente como 1ª série, minha prima continuou estudando comigo. Ela aprendeu rápido e eu acabei ficando para traz na alfabetização. Agradeço minha tia pelo empenho em me ensinar, ela recém tinha terminado o magistério e começou a me ensinar em sua casa. Ela combinou com minha prima para fazer de conta que não sabia de nada e, quando ela perguntasse algo para nós duas, me deixasse responder. Minha tia sempre comprava canetinhas, borrachas, lápis de cor, coisas que chamavam a atenção de criança,

propondo um prêmio àquela que encontrasse primeiro as letrinhas que ela perguntava. Como minha prima fingia que não sabia muito bem, sempre eu acertava primeiro. Como eu estava interessada em ganhar os prêmios, me esforçava cada vez mais. A partir daí, tive um grande desempenho na aprendizagem e comecei a sentir um prazer enorme em estudar e aprender cada dia mais.

Os anos foram passando e os amigos de infância foram se dividindo, ficando em salas separadas, períodos diferentes, e novas amizades foram surgindo. Conforme eu ia crescendo, o tempo de brincar ia diminuindo. Minha mãe começou a trabalhar fora e eu passei a cuidar da casa, a fazer serviços simples até aprender a lavar roupa e cozinhar. Assim, na parte da manhã, ia para escola e, à tarde, cuidava da casa.

Sempre estudei em escolas públicas, onde o número de alunos em sala de aula era bem grande, e isso dificultava ao professor assistir de maneira individualizada o aluno e a conhecer suas necessidades e dificuldades, auxiliando efetivamente no desenvolvimento da aprendizagem. No ensino fundamental, não tinha brinquedos, nem parquinhos como se vê nos dias atuais, brincávamos no pátio da escola, outras vezes, em um pátio com areia. O único recurso disponível eram apenas bolas que utilizávamos nos dias de recreação.

Nas aulas de matemática, usávamos tampinhas de garrafas para facilitar as operações matemáticas. Nos primeiros anos, as atividades eram impressas e coladas em nosso caderno, isso quando não copiávamos do quadro, pois, naquela época, os alunos não possuíam cartilhas.

Infelizmente, no tempo que eu estudava o lúdico, praticamente não era trabalhado algo que faz toda a diferença. Ao discutir o papel do brinquedo, Vygotsky (1998) demonstra, de forma extremamente original, como as interações sociais que as crianças estabelecem nessas circunstâncias colaboram para o seu desenvolvimento. Conforme este autor, enquanto brinca, a criança reproduz regras, vivencia princípios que está percebendo na realidade, logo, as interações requeridas pelo brinquedo possibilitam a internalização do real, promovendo o desenvolvimento cognitivo.

Vygotsky (1991) propõe um paralelo entre o brinquedo e a instrução escolar, onde ambos criam uma “zona de desenvolvimento proximal” e, nos dois contextos, a criança elabora habilidades e conhecimentos socialmente disponíveis que passará a internalizar.

É enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a

ação surge das ideias e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo. O brinquedo é um fator muito importante nas transformações internas do desenvolvimento da criança. Para o autor, a criança se inicia no mundo adulto por meio da brincadeira e pode antever os seus papéis e valores futuros. Por meio da brincadeira a criança vai se desenvolver socialmente conhecerá as atitudes e as habilidades necessárias para viver em seu grupo social. É na brincadeira e no jogo que a criança aprende a lidar com o mundo, recriando situações do cotidiano, adquirindo conceitos básicos para formar sua personalidade, vivenciando sentimentos das mais variadas espécies (VYGOSTKY, 1991, p. 33).

Portanto, pensar na atividade lúdica enquanto um meio educacional, significa pensar não apenas no jogo pelo jogo, mas no jogo como instrumento de trabalho, como meio para atingir objetivos pré-estabelecidos. Entende-se que, para o estudioso citado, o jogo pode ser útil tanto para estimular o desenvolvimento integral da criança, como para trabalhar conteúdos curriculares.

Tive uma aprendizagem pautada nos métodos tradicionais. Recordo que alguns professores nos faziam decorar a tabuada e alguns conteúdos para a prova. Onde a relação professor-aluno era centrada somente no professor e na transmissão dos conhecimentos.

O professor detinha o saber e a autoridade, dirigia o processo de ensino e se apresentava como modelo a ser seguido. Nós éramos simples receptores, onde era valorizada a aula expositiva, centrada no professor, com exercícios de fixação, leituras repetidas, interrogatórios orais. Decorávamos a matéria e, quando tinha avaliação, o aluno deveria estudar apenas o que seria avaliado, não se preocupando em entender o assunto. Nessa época, vivíamos no modelo tecnicista da educação, conforme os estudos que Aranha (1996) realizou.

Neste contexto, temos a visão de Educação Bancária de Paulo Freire (1970), onde os conteúdos são automaticamente desligados da situação existencial do aluno. A comunicação é unilateral, a Metodologia Didática é a exposição oral pelo professor, onde o opressor encontra uma relação de poder unilateral, e a avaliação tem como função apenas classificar.

O professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a “pensar” e a questionar por si mesmo e não mais receber passivamente as informações, como se fosse um depósito do educador (LIBÂNEO, 1994).

Segundo Torres (1979), a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Para que isso seja possível, o docente precisa assumir seu verdadeiro compromisso e encarar o caminho do aprender a ensinar. Ensinar principalmente o aluno a pensar e a buscar seu próprio conhecimento, preparando-o, assim, para a vida autônoma. O professor deve ser um parceiro do aluno na busca de conhecimento.

Freire (2002) faz uma crítica à Educação Bancária: na visão freireana, esse modelo de educação parte do pressuposto que o aluno nada sabe e o professor é detentor do saber. Criando-se, então, uma relação vertical entre o educador e o educando. O Educador, sendo o que possui todo o saber, é o sujeito da aprendizagem, aquele que deposita o conhecimento. O educando, então, é o objeto que recebe o conhecimento. Para este autor, a educação vista por essa ótica tem como meta, intencional ou não, a formação de indivíduos acomodados, não questionadores e submetidos à estrutura do poder vigente.

### **1.3 Ensino Médio**

Quando ingressei no primeiro ano do ensino fundamental, passei a estudar no período vespertino, pois comecei a trabalhar em uma loja de roupas da minha tia, que ficava no centro da cidade, perto da escola. Eu trabalhava de manhã e à tarde ia pra escola. Levava minha roupa e materiais, me arrumava e almoçava na casa dela (que ficava no fundo da loja). Depois, ia para a escola. Quando retornava, ajudava a fechar a loja e ia embora de bicicleta, minha casa ficava longe do centro. À noite, dedicava meu tempo para fazer as tarefas e os trabalhos escolares.

No começo, foi difícil me adaptar, mas tinha em mente que em tudo na vida é preciso ter sacrifício, queria muito trabalhar para ter meu próprio dinheiro, pelo menos, para comprar algumas coisas básicas como roupas e materiais escolares, pois não gostava de ficar pedindo dinheiro para meu pai. Eu já entendia que as coisas não eram tão fáceis, compreendia os meus pais, percebia que eles queriam me dar o melhor, mas as condições financeiras não permitiam, por isso, optei por trabalhar para ajudar de alguma maneira. Não seria bastante, mas de alguma forma já ajudaria.

Para mim, foi gratificante começar a trabalhar. Apesar de ser cansativo, pude aprender a dar mais valor nas coisas, aprendi o quanto era difícil para conseguir.

No 2<sup>a</sup> ano, as coisas ficaram mais complicadas, porque eu passei a trabalhar em período integral de segunda a sábado e comecei estudar a noite. Saía do serviço às 18h, isso quando não chegava algum cliente na hora de fechar. Quando retornava para casa, só dava tempo de tomar banho e ir para escola. Muitas vezes, ia sem jantar, pois o tempo não permitia. Quando retornava da escola, às 23h15, eu jantava. Havia dias que o cansaço e sono estavam demais, preferia dormir sem jantar, pois a vontade de dormir e descansar eram maiores. Quando tinha que fazer as tarefas ou estudar para provas, estudava de madrugada. Os domingos eram os únicos dias que tinha disponível.

Minha matéria preferida era matemática, por trabalhar com cálculos e chegar a resultados exatos. Sempre gostava das aulas de matemática, mas quando comecei estudar no 2<sup>a</sup> ano, quem dava aula de matemática era o professor Felipe. Já tinha ouvido muitas pessoas falarem que tinham medo dele, que ele era bem rígido. No 1<sup>a</sup> bimestre, tirei uma nota baixa, fiquei arrasada e desmotivada, pois sempre tinha tirado nota boa em matemática, mas, naquele bimestre, não conseguir atingir a média na matéria que sempre gostei. No ginásio, até tinha ganho um broxe de aluna nota dez em matemática. Quando cheguei em casa, comecei a chorar sem entender o que estava acontecendo. O professor dava prova surpresa e, como eu não tinha estudado, fui pega despreparada, tirei nota baixa. Nesse período, foi bem difícil conciliar estudos e trabalho, já que o tempo que restava para estudar era mínimo.

Quando iniciou o segundo bimestre, me empenhei em estudar e me preparar para as provas de matemática, para não ser pega de surpresa. No segundo bimestre, já tinha me acostumado com os critérios de avaliação. Apesar de os alunos terem medo do professor, sempre admirei ele, pois ensinava muito bem e conseguia manter a atenção dos alunos na hora da explicação. Daí para frente, consegui tirar notas boas e passar de ano.

No terceiro ano, eu continuava trabalhando. Tive uma grande conquista de poder comprar minha moto, facilitando meu percurso escolar. Quando comecei a trabalhar, fiz um consórcio que pagava por mês, meu pai deu o lance e tirou a moto para mim – com muito esforço consegui fazer e pagar minha carteira de habilitação.

No final de 2008, terminei o segundo grau: uma jornada longa com muitos obstáculos atravessados. Foi um momento gratificante olhar para trás e poder dizer foi difícil, mas consegui.

Conforme o relato do percurso realizado em toda trajetória escolar: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, é possível compreender a partir da

perspectiva de Freire (1996; 1970; 2001; 2002), Vygotsky (1998; 1991), Libâneo (1994), Torres (1979) etc., que os rabiscos e os primeiros desenhos são gestos ou tentativas de simbolizar a linguagem falada, os desenhos podem ser interpretados como um estágio preliminar no desenvolvimento da linguagem escrita da criança.

Por meio da ludicidade, é possível envolver o aluno nas atividades educacionais. Quando a criança brinca, ela se comunica consigo mesma e com o mundo; desenvolve capacidades fundamentais, como o desenvolvimento de sua coordenação motora, suas habilidades visuais, auditivas e seu raciocínio. É brincando que a criança aprende a respeitar regras e amplia seus conhecimentos, sendo assim, o lúdico é de suma importância nos processos de ensino e de aprendizagem.

O ensino estava centrado na Educação Bancária, onde os conteúdos são automaticamente desligados da realidade do educando e a avaliação como função de apenas classificar. Prevaleciam os métodos tradicionais de ensino, onde o professor era considerado o centro do saber e os alunos apenas meros receptores; o professor detinha o saber e a autoridade, o aluno nada sabe e o professor o detentor do saber.

## 2. INGRESSO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Os anos foram passando e me deparava com amigos que estudaram comigo, a maioria fazendo faculdade e eu não. Sentia uma tristeza enorme por não poder fazer uma graduação, pois meus pais não tinham condições financeiras, já que, além de pagar a faculdade, ainda tinha que pagar o transporte, pois em minha cidade não tinha nenhuma faculdade – a mais próxima era na cidade de Ji-Paraná, a 100 km de distância, isso tornava impossível.

No ano de 2010, minha amiga Natasha que concluiu o ensino médio comigo me orientou e me incentivou a realizar um vestibular em Ji-Paraná. Ela mesma pegou meus documentos e fez minha inscrição; optei pelo curso de pedagogia, já que sempre gostei da área da educação e era meu sonho de criança ser professora.

Quando estava na semana de prestar vestibular, me deu um desânimo e a dúvida: *‘Será que vai valer à pena ir tão longe fazer uma prova com tantas pessoas inscritas, com conhecimentos bem maiores que o meu?’* Praticamente, eu tinha desistido de fazer, após refletir melhor, mudei de ideia. A prova seria no domingo e no sábado resolvi: *‘vou fazer!’* Mas, como não tinha arrumado nenhum táxi com antecedência e o ônibus não chegava a tempo, bateu aquele desespero, pois não tinha alternativas para ir. No sábado à noite, minha amiga ligou e disse que seu irmão iria levá-la e eu poderia ir com eles, então, rapidamente aceitei o convite.

No caminho para Ji-Paraná, passei muito mal: enjoo por causa da viagem. Quando cheguei para fazer a prova, achei que não ia conseguir fazer nada, pois o enjoo que estava sentindo me incomodava muito. Olhava aquelas salas lotadas, todos em busca de uma oportunidade de ingressar em uma faculdade e eram apenas 50 vagas.

Alguns dias depois, minha amiga me ligou para dar a notícia de que eu tinha sido aprovada e classificada. No momento que recebi a notícia, levei um susto, fiquei muito emocionada, pois era um orgulho conseguir passar no vestibular de uma universidade federal.

Após ser aprovada no curso de pedagogia, fiquei na expectativa para o curso começar logo, mas, infelizmente, demorou um pouco para iniciar. Em junho de 2011, peguei férias do trabalho para organizar os preparativos do meu casamento, pois já estava tudo marcado. Me casei no dia 11 de junho e optei por sair do serviço para ficar



em casa e me dedicar a família e aos estudos, pois ainda não tinha perdido a esperança de começar a estudar.

Durante o ano, foram várias reuniões em busca de soluções para o início das atividades acadêmicas quando, no final do ano, recebi um e-mail onde estava marcada a data de início do curso de pedagogia.

Lembro que a primeira matéria que estudei foi introdução a EAD, com a professora Rejane. No primeiro dia, ela fez uma dinâmica na sala, onde houve muita interação e passamos a conhecer melhor uns aos outros. Ela abordou o tema sobre tecnologias, mídias e métodos de ensino; foi muito prazerosa a aula.

Também realizamos apresentação em grupos, onde preparamos os slides com o tema proposto e cada grupo fez a apresentação. Tudo estava caminhando bem até o momento em que houve uma paralisação longa, por dois anos seguidos.

Nesse intervalo da paralisação, muitas dúvidas e incertezas surgiram quanto à continuidade do curso. Quando terminou a paralisação, foram retomadas as aulas novamente e tivemos uma grande surpresa: ao invés de termos aulas presenciais com professores na sala, teríamos vídeo aula, onde os professores gravavam vídeos explanando a matéria e atividades para fazermos pelo computador, ou seja, estudar a distância, mediados por meios tecnológicos.

Ao compreender o processo educativo, percebi a importância da educação como instrumento de mudança, assumindo um caráter libertador. Freire (2001) propõe uma educação para a libertação, onde o homem torna-se consciente de sua condição a partir de uma visão crítica e reflexiva e tem o poder de intervir efetivamente na sociedade mudando sua realidade.

Durante o curso, tive muitos momentos marcantes. Quando comecei a fazer os estágios, foi gratificante tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental, onde pude analisar teoria e prática e observar que nem sempre ambas andam juntas, mas que, sem as mesmas, é impossível realizar um trabalho com eficiência.

Na prática, o docente se esbarra em situações, como: emoções das crianças, desafios com as famílias e alguns transtornos funcionais. Mas todas as situações são possíveis de serem solucionadas se observadas de acordo com as leis e as regras da educação.

Ao longo do curso, percebi o quanto todas as disciplinas do curso contribuíram para a construção de conhecimento na área de pedagogia, mas algumas ficaram

marcadas, como a disciplina de reação e jogos. Em suas aulas, o professor Celio borges trabalhou com nossa percepção a partir dos laboratórios de recreação e jogos.

Vivenciamos atividades como brincadeiras com balões, onde foi amarrado um balão no pé de cada participante, e ganhava aquele que permanece-se com o balão sem estourar. Também pulamos elástico, uma brincadeira tradicional bem interessante. No momento em que brincávamos, sentíamos uma sensação de liberdade, alegria e descontração. Houve interação de maneira espontânea com os colegas da turma, sem pressão. Parece que quando não tem ninguém para interferir, ditar regras ou determinar de que maneira deve ser feito, acaba gerando um conforto no acadêmico, e o processo de aprendizagem ocorre naturalmente.

Já que estamos acostumados o tempo todo a receber regras, e muitas vezes não temos a oportunidade de expressar ou de fazer o nosso próprio querer, demonstrar nossas criatividades.

O brincar, enquanto elemento presente na formação, além de se mostrar como fator de aprendizado, também promove sensações agradáveis. Parece que tudo acontece naturalmente, por isso, nos sentimos à vontade. Parece que tínhamos voltado à infância novamente, só com uma única diferença, nosso corpo já não tem a mesma energia de quando éramos crianças. Os anos foram modificando aquela disposição que tínhamos, mas, apesar desse pequeno detalhe, isso não foi nenhum impedimento para realizamos as atividades, tudo foi muito divertido.

As experiências vivenciadas nas brincadeiras de pular elástico e estourar balão no pé do adversário proporcionaram sensações de liberdade, alegria, prazer, superação, cansaço, entre outras. A brincadeira proporciona sentimento de liberdade porque exige que, por um momento, nos esqueçamos dos nossos compromissos diários e nos concentremos nas ações da brincadeira, assim, nos deparamos com algo diferente que nos distrai ao mesmo tempo em que provocamos nossas potencialidades.

A alegria e o prazer são percebidos nas brincadeiras e jogos através dos sorrisos e nas expressões físicas e intelectuais de superação dos desafios enfrentados. Brincamos bastante, rimos com nossos acertos e erros, foi uma sensação muito boa.

Sobre o brincar, Kishimoto (2003) revela que, ao utilizar a brincadeira, estabelece-se um instrumento de educação muito poderoso. Logo, o brincar contribui para o desenvolvimento global da criança e do adulto. Percebemos que realmente o brincar é indispensável em nossa formação acadêmica. Pois é uma maneira mais divertida de aprender e ensinar. Assim, o brincar contribui no processo de aprendizagem

de conteúdos e de ferramentas a serem usados futuramente em nossa atuação profissional.

Ao participar das brincadeiras, nós acadêmicos rompemos com a realidade, aprendemos a superar nossos limites individuais e sociais. Quando nos envolvemos nas brincadeiras, parece que alimentamos o ser brincante que habita em cada um de nós, ocorre um relaxamento que nos leva a esquecermos do estresse do dia-a-dia.

A brincadeira, para nós acadêmicos, é uma vivência totalmente diferenciada do mundo do estudo e do mundo do trabalho, é uma forma de descontração para sair do sistema, os quais estão aprisionados. Esse momento integra ao grupo até aqueles que são mais tímidos.

Deste modo, a ludicidade é de suma importância na educação infantil, pois é uma das maneiras mais fáceis para envolver o aluno nas atividades educacionais. Quando a criança brinca, ela se comunica consigo mesma e com o mundo; desenvolve capacidades fundamentais, como desenvolvimento de sua coordenação motora, suas habilidades visuais, auditivas e seu raciocínio, aprendem a respeitar regras, ampliam seus conhecimentos, desenvolvendo sua inteligência e criatividade.

Por meio das atividades lúdicas, a criança é capaz de aprender e produzir cultura. O brincar é uma ferramenta indispensável na aprendizagem do aluno e cabe ao professor inseri-la de forma eficaz, oferecendo inúmeras oportunidades por meio dos jogos e brincadeiras, tornando-se prazerosa a aprendizagem.

É brincando, jogando, divertindo-se que constituem atividades estimulantes, tanto para o aluno quanto para o professor. Não basta dominar somente as teorias, é preciso o professor ser capaz de trabalhar com brincadeiras, jogos, explorando o lúdico, deixando ser levado com a brincadeira, aprendendo e percebendo as diferentes maneiras de promover o aprendizado de uma turma.

Não devemos agir como alguns docentes que seguem os métodos tradicionais por simplesmente acharem que as brincadeiras devem ser vistas como algo para a hora do recreio; para eles, sala de aula é um lugar de coisa séria, por isso, não realizam atividades lúdicas.

Para os docentes que vêm de uma formação tradicional, não é nada fácil adaptar-se a esse mundo de jogos e brincadeiras em sala de aula, pois eles não vivenciaram isso e acabam privando seus alunos também. São relevantes as atividades lúdicas no desenvolvimento infantil, bem como sua função no processo educativo; para que esse

processo de ensino e a aprendizagem ocorram de forma prazerosa, os professores devem estar cientes de seu papel nessa fase de construção de conhecimento das crianças.

Os educadores devem se preparar para trabalhar com o criar, pois a criatividade deve ser vista como um elo dinâmico e contínuo. Nessa perspectiva, o docente não deve ver a criança como receptora passiva de estímulos, mas como uma pessoa capaz de ação, que interaja, crie e recrie possibilidades e novas aprendizagens.

Segundo Kishimoto, (2003, p. 23), “o educador não deve exigir das crianças descrição antecipada ou posterior das brincadeiras, pois, se assim o fizer, não estará respeitando o que define o brincar, isto é, sua incerteza e improdutividade”, embora esteja disponível para conversar sobre o brincar antes, durante e depois da brincadeira. Para fazer tudo isso, o educador não pode aproveitar a hora do brinquedo para realizar outras atividades. Deve estar inteiro e atento às crianças e aos seus próprios conhecimentos e sentimentos.

As brincadeiras são maneiras de agir de modo a distrair, entreter e divertir. Jogo, brinquedo e brincadeira se relacionam pela conjunção de experiências que expressam o prazer, a potencialidade e a capacidade integral da criança. Portanto, devemos aproveitar ao máximo os momentos de recreação e jogos para trabalhar e desenvolver as potencialidades emocionais, intelectuais e sociais das crianças a partir das atividades lúdicas com brincadeiras, jogos e diversão.

Durante a disciplina, o professor Celio disponibilizou textos, livros e vídeos na plataforma, fundamentando e caracterizando jogos, brinquedos e brincadeiras, situando suas perspectivas teóricas e práticas no contexto da recreação e suas possibilidades de contribuições no processo de formação e atuação profissional no âmbito da pedagogia e da escola.

Foi muito especial o processo, a matéria desafiou os alunos a brincarem novamente em uma espécie de voltarem a ser crianças, observamos os alunos colocando para fora coisas adormecida lá atrás na infância de cada um.

Outra matéria que me despertou foi a disciplina: Educação de Jovens e Adultos – EJA. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), a educação de jovens e adultos é destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. A maioria dos estudantes dessa modalidade são pessoas que estão há muito tempo sem estudar e que trabalham o dia para estudar à noite.

O EJA é uma modalidade destinada a jovens e adultos que não deram continuidade em seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso ao ensino fundamental e médio na idade apropriada.

Essa disciplina foi ministrada pelo professor Wender Fiori. Em uma aula presencial, tivemos o prazer de recebê-lo no polo. Nessa aula, ele explanou o conteúdo da matéria e passou o filme, *Vida Maria*. O filme mostra a história de Maria José, uma menina de cinco anos de idade que é levada a largar os estudos para trabalhar. Enquanto trabalha, ela cresce, casa, tem filhos, envelhece. Mostra as crianças que têm sua infância interrompida, muitas vezes, para ajudar a família a sobreviver; infância essa resumida aos poucos recursos e a más condições. A Maria que aparece no filme mostra satisfação no que faz, em apenas escrever seu primeiro nome. O momento em que sua mãe lhe chama a atenção, é tirada não só a sua atenção, como seu futuro de ser uma pessoa diferente de sua mãe, que não tem uma visão do futuro, querendo dar a filha a mesma criação que teve.

O objetivo do filme é mostra que devemos dar sempre mais do que tivemos para os demais, para tentar construir um futuro que não tivemos e estarmos sempre à procura do melhor e não nos acomodarmos naquilo que vivemos. Essa aula foi muito apreciada e me levou a refletir e a valorizar mais essa modalidade de educação. Parece que estava vivenciando a história de meus pais, que não puderam concluir os estudos porque tinham que suprir as necessidades de suas famílias.

Durante a disciplina, tivemos a oportunidade de realizar atividades práticas em escolas que ofertam turmas de Educação de Jovens e Adultos. Em duplas, realizamos uma entrevista estruturada com dez alunos da EJA, entrevistamos a professora de uma turma e solicitamos a ela que nos mostrasse os recursos metodológicos que utilizava em sala para o ensino de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História e Ciências.

Assistimos duas noites de aula e observamos quais são os recursos incentivadores e as metodologias utilizadas pela professora da turma. Registremos o nível de participação dos alunos e como é o nível de disciplina da mesma. Anotamos o que aconteceu em sala e preenchemos a ficha de observação em sala de aula.

Foi gratificante vivenciar a realidade dos alunos do EJA e, durante a entrevista que fiz com um aluno da sala (já era um senhor), perguntei o que motivou ela a voltar a estudar depois de tantos anos. Fiquei surpresa e comovida com sua resposta, pois ele respondeu que tinha um sonho de tirar sua carteira de motorista, por isso, estava estudando. Isso serviu de encorajamento para mim, porque muitas das vezes me deparei

com momentos difíceis que me fizeram quase desistir do curso. E, para concluirmos a matéria, o professor solicitou aos alunos escolher um conteúdo de um componente curricular (Matemática, Língua Portuguesa, História e/ou Geografia, Ciências) e fazer um planejamento para um conteúdo da aula, no qual deveríamos elaborar um jogo para ser utilizado como recurso metodológico para o processo ensino-aprendizagem voltado aos alunos do EJA. Eu e minha amiga Aline preparamos um jogo relacionado ao trânsito e apresentamos no seminário de encerramento da disciplina, juntamente com o plano de aula.

A inserção dos jogos didáticos na sala de aula é uma ótima alternativa, pois a maior parte dos alunos da EJA são pessoas que trabalham de dia e estudam à noite. Muitos já chegam às salas de aula cansados e desmotivados, no entanto, ao se depararem com os jogos, acabam aprendendo sem perceber, pois estudam de forma prazerosa – despertando o interesse do aluno em aprender.

É necessário o professor tenha alguns cuidados fundamentais ao elaborar essas atividades, procurar trabalhar atividades adequadas para os jovens e adultos, para não tratar os alunos do EJA como se fossem crianças. Portanto, a educação de jovens e adultos deve ser indispensável para o exercício da cidadania na sociedade atual, contribuindo na formação dos educandos que vivem em tempos de grandes mudanças e inovações.

Todas as disciplinas vistas durante o curso de pedagogia são de grande importância para mim, mesmo não estando em atuação na área. Elas possibilitaram conhecimentos fundamentais. Tenho uma filha de três anos, Heloisa, e o conhecimento adquirido no decorrer do curso me possibilita auxiliá-la nos primeiros passos de uma longa jornada. Sempre tento colocar em prática tudo o que aprendi e acompanho cada fase nova de sua vida, pois sei o quanto é importante ter uma pessoa para ajudar. Somos parceira na busca por conhecimentos. Ao mesmo tempo que ensino, também adquiro conhecimentos. Todas essas experiências vivenciadas contribuíram para a compreensão da importância da ação pedagógica

Se cada autor envolvido na educação fizer sua parte, o processo de ensino/aprendizagem se desenvolve melhor, porém, se, em algum momento, isso não for possível, a escola deve suprir a necessidade e desempenhar o seu papel social suprindo as falhas e dando ao discente a oportunidade de desenvolver suas potencialidades, indiferente da situação em que vive. Isto é o fazer pedagógico, e é aí que mostra o quanto o magistério é importante na sociedade.

Assim, concluo que o fazer pedagógico, por mais que não seja reconhecido e tenha falhas, ainda é o pilar que molda a sociedade e faz gerações se desenvolverem e construir uma nação. Foi muito bom vivenciar os momentos prazerosos proporcionados pelos estágios e essa experiência solidificou ainda mais o desejo de estar no exercício do magistério, contribuindo no desenvolvimento dos alunos e na sociedade que está sendo construída a cada dia por cada um de nós.

A educação é rica em oportunidades de fazer acontecer, de inovar e gerir tais inovações, na perspectiva de que sempre terá um “algo a mais” para ser inovado, explorado e vivenciado e isso me fascina, me atrai, por mais árduo que seja o ofício do magistério.

### 3. FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Observa-se a relevância que tem para a sociedade o fazer pedagógico. É salutar o entendimento da necessidade da formação continuada dos docentes e do acompanhamento pedagógico a qual ele está inserido. Essa observância aplica-se à minha formação acadêmica, onde noto o quanto é importante estar atenta às mudanças ocorridas na sociedade e nos meios educacionais.

O ser professor, no contexto atual, exige ousadia aliada a diferentes saberes. Na era do conhecimento e numa época de mudanças constantes, a questão da formação, segundo o que defende Perrenoud (2001), é urgente nos espaços escolares, embora também o seja no contexto geral. O conhecimento está sempre passivo a alterações e, com o desenvolvimento das tecnologias, o mesmo requer empreendimento de todas as áreas sociais e pessoais. Sendo que a formação docente é a que mais deve se preocupar nesse desenvolvimento atualizado, por ser a profissão que forma as demais profissões.

Nessa perspectiva, a formação continuada associa-se ao processo de melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores em sua rotina de trabalho e em seu cotidiano escolar. Além disso, a formação se relaciona também à ideia de aprendizagem constante, no sentido de provocar inovação na construção de novos conhecimentos que darão suporte teórico ao trabalho docente.

Durante o período dos estágios desenvolvidos nos anos de estudos da graduação, percebi a existência da preocupação, tanto dos docentes quanto por parte dos técnicos educacionais e das famílias, em relação à formação e preparo dos professores em sala de aula e das suas competências profissionais em atender a demanda social, política e pedagógica proposta, tanto pela base curricular comum como também na parte diversificada do currículo, que propõe a qualificação do aluno e do seu pleno desenvolvimento psíquico social.

Um professor bem preparado e dinâmico desperta no aluno o interesse em desenvolver os quatro pilares da educação são conceitos de fundamento da educação baseados no Relatório intitulado: “Educação, um Tesouro a descobrir” para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação, para o século XXI, coordenada por Jacques Delors (2012) – que defende que a educação deve levar o aluno a:

a) Aprender a conhecer: isso ocorre quando o ato de ensinar torna prazeroso ao aluno e o permite compreender, descobrir ou construir o conhecimento. É o interesse



nas informações, libertação da ignorância. Com a velocidade em que o conhecimento humano se multiplica, muitas vezes deixamos de lado essa necessidade de nos aprimorar, se desinteressando pelo outro, pelo novo. Sendo assim, o aprender a conhecer exercita a atenção, a memória e o pensamento.

b) Aprender a fazer: permite ao educando ir além do conhecimento teórico e entrar no setor prático. Aprender a fazer faz com que o ser humano passe a saber lidar com situações de emprego, trabalho em equipe, desenvolvimento corporativo e valores necessários para cada trabalho.

c) Aprender a viver com os outros: essa habilidade é essencial à vida humana, e que, muitas vezes, se torna um empecilho para a convivência em uma sociedade interativa. É preciso então, aprender a compreender o próximo, desenvolver uma percepção, estar pronto para gerenciar crises e participar de projetos comuns. É necessário deixar a manifestação da oposição de forma violenta de lado e progredir a humanidade.

Descobrir que o outro é diferente e saber encarar essas diversidades faz parte da elevação educacional de cada um. Ir além disso é lidar com objetivos comuns no qual todos passaram a fazer parte de uma mesma ação, e poder conduzir este trabalho aceitando as diferenças individuais, é o que melhora a vida social.

d) Aprender a ser: Ou seja, desenvolver o pensamento crítico, autônomo, incitar a criatividade e elevar o crescimento de conhecimentos, além de ter em mente um sentido ético e estético perante a sociedade. Isto é aprender a ser.

Não se pode negligenciar o potencial de cada indivíduo, é preciso contribuir para o seu total desenvolvimento, adquirindo ferramentas que formulam os juízos e valores do ser autônomo, intelectualmente. A diversidade de personalidades é o que gera a inovação dentro da sociedade.

Esse fazer pedagógico faz do professor um artista. Paulo Freire (2002) defende que ensinar não se limita apenas em transferir conhecimentos, senão, também no desenvolvimento da consciência de um ser humano inacabado em que o ensinar se torna um compreender a educação como uma forma de intervir na realidade da pessoa e do mundo. Demo (2000), por sua vez, diz que a pedra de toque da qualidade educativa é o professor visto como alguém que aprende a aprender, alguém que pensa, forma-se e informa-se, na perspectiva da transformação do contexto em que atua como profissional da educação.

Entende-se, assim, que a arte de educar é uma prática constante de aprender a estar sempre aprendendo com as diversidades da vida.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo da minha vida escolar, pude notar que a educação mudou bastante, principalmente quando fiz o estágio supervisionado. Pude comparar o tempo que eu estudei na educação infantil com o atual e percebo a facilidade que existe hoje, pois, naquela época, tudo era mais difícil. A metodologia usada era de difícil compreensão, as escolas públicas não ofereciam materiais de boa qualidade, como livros, ambientes adequados, merenda escolar, jogos didáticos, profissionais capacitados.

Atualmente, podemos observar o quanto a educação tem melhorado, pois quase toda a escola pública tem profissionais qualificados, bons ambientes escolares, merenda de qualidade e material didático gratuito. A metodologia usada pelos professores é de fácil compreensão, visto que eles estão sempre se capacitando e isso é sem dúvida de grande importância para melhorar a educação e facilitar a aprendizagem.

Expôr minha história de vida, compartilhar momentos, opiniões que, a princípio, eram importantes apenas para mim, selecionar os fatos, atribuir significado e valor a cada um deles e submetê-los a um julgamento: relevante ou irrelevante.

Escrever este memorial foi uma grande viagem, pois voltei ao passado, situei-me no presente e sonhei com um futuro promissor. Escrever sobre o meu processo formativo me possibilitou formar conceitos e opiniões acerca da educação de um modo geral, visualizar todo processo educativo utilizando os conhecimentos que adquiri ao longo do curso. Isso implica em uma análise de como proceder e construir minha prática pedagógica.

Dessa forma, foi possível analisar a evolução no processo educativo e verificar as mudanças que ocorreram na prática pedagógica e metodologias do ensino. Essa análise me permitiu refletir sobre as diferentes maneiras de aprender/ensinar e constatar a importância da formação do profissional em educação no exercício da docência.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofia da Educação**, 2ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. 7ª ed., Editora Cortez, 2012.

DEMO, P. **Educação pelo avesso: assistência como direito e como problema**. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. & PAPERT. **O futuro da escola**. São Paulo: TV PUC, 1996.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. Pioneira Thomson Learning, 2003

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994.

PERRENOUD, Philippe. A ambiguidade dos saberes e da relação com o saber na profissão de professor. In: **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza, do mesmo autor**. Porto Alegre: Artmed Ed, 2001, p. 135-193

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.

UNESCO. **Educação Um Tesouro A Descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

[http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/a\\_pdf/r\\_unesco\\_educ\\_tesouro\\_descobrir.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf)

Acesso em 09 de Outubro de 2017 às 16:12 horas.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.